

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

Cíntia Rita Soares de Freitas

Elos: Traduzindo o Intraduzível

Série Documental Sobre a Afetividade Familiar e Social de Pessoas com Diversidade

Produto Jornalístico

Mariana

2022

Cíntia Rita Soares de Freitas

Elos: Traduzindo o Intraduzível

Série Documental Sobre Afetividade familiar e social de pessoas com diversidade

Memorial descritivo de produto jornalístico apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Adriano Medeiros da Rocha
Co-orientador: Luiz Felipe Pereira

Mariana

2022

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

F866e Freitas, Cintia Rita Soares De.
Elos [manuscrito]: traduzindo o Intraduzível, Série Documental Sobre a Afetividade Familiar e Social de Pessoas com Diversidade. / Cintia Rita Soares De Freitas. - 2022.
59 f.: il.: color.. + Roteiro de produção.

Orientadores: Prof. Dr. Adriano Rocha, Me. Luiz Pereira.
Coorientador:

Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Afeto (Psicologia). 2. Documentário (Cinema) - Produção e direção.
3. Integração social. I. Pereira, Luiz. II. Rocha, Adriano. III. Universidade Federal de Ouro Preto. IV. Título.

CDU 791.229.2

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa-Bibliotecário Coordenador
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407



FOLHA DE APROVAÇÃO

Cíntia Rita Soares de Freitas

Elos: traduzindo o Intraduzível - série documental sobre a afetividade familiar e social de pessoas com diversidade

Produto audiovisual apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel.

Aprovada em 15 de dezembro de 2022.

Membros da banca

Dr. Adriano Medeiros da Rocha - Orientador - Universidade Federal de Ouro Preto
Dra. Sonia Caldas Pessoa - Universidade Federal de Minas Gerais
Dr. Cláudio Rodrigues Coração - Universidade Federal de Ouro Preto
Mestrando Luiz Felipe Pereira - Universidade Federal de Ouro Preto

Adriano Medeiros da Rocha, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 02/01/2023.



Documento assinado eletronicamente por **Adriano Medeiros da Rocha, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 02/01/2023, às 09:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0452385** e o código CRC **8FB255C4**.

AGRADECIMENTOS

“Se alguém já lhe deu a mão e não pediu mais nada em troca, pense bem, pois é um dia especial.” Começo os meus agradecimentos com o trecho de uma das minhas canções preferidas do cantor e compositor, Tiago Iorc, “Dia Especial”, pois esse foi o meu mantra de vida. Felizmente, eu tive muitos que se dispuseram a segurar a minha mão sem querer nada em troca, por pura e simplesmente amor. Agradeço a minha mãe, Célia Soares, que sempre esteve ao meu lado. A ela dedico o meu TCC e o meu amor eterno, obrigada, mãe! Outra pessoa que divide a vida comigo e a quem também deixo a minha gratidão é ao meu irmão, Erik Soares, que até antes de mim mesma acreditou na minha capacidade e sonhou comigo todos os dias da minha vida. Com ele divido histórias afetuosas e muito especiais. Agradeço a todos os familiares de sangue ou não que me fizeram chegar até aqui.

Ao nascer chegamos ao mundo com poucos vínculos afetivos, mas, ao passar dos anos, os laços se formam e foi exatamente o que aconteceu comigo! Na universidade, conheci o professor que futuramente se tornaria o meu AMADO MESTRE e guia, mais conhecido como Adriano Medeiros. A você, orientador, não sou capaz de expressar em palavras todo o meu amor, admiração e respeito! Obrigada por ter embarcado nessa aventura comigo. Você tornou esse percurso mais tranquilo e possível! Ao meu lado estava também o meu irmão e amigo, Anderson Medeiros, com quem eu dei as melhores gargalhadas e, principalmente, se tornou um irmão para vida toda. Você é tudo, Andi! Ramon de Oliveira, idealizador da Criativa Nova Era, que se dispôs a escrever essa história comigo, muito obrigada!

Durante essa temporada estive ao meu lado também, Juan Vieira, o carioca mais competente e doce que eu pude conviver, além de todos os colaboradores do transporte da UFOP, Braulio, Nico e Adilson, que me permitiram concluir o trabalho com segurança e na melhor companhia. Obrigada, também, Danilo Nonato! Você chegou de uma forma inesperada em minha vida, mas me incentivou a nunca desistir.

A vida é feita de escolhas e encontros, por isso, eu sempre quis ter comigo as melhores pessoas! Aquelas de bom coração e de alma pura! Sabendo disso, acolhi e fui acolhida por Leandro Maciel, meu amigo e eterno monitor, Maria Fernanda e Emanuel, meus anjos da guarda. Cremilda Moutinho, minha amiga eterna, Sabrina Roza, meu amor maior, Gael Pereira, também meu parceiro e monitor oficial. Agradeço à Magno Guimarães, meu maior incentivador a ficar em frente às câmeras, Luiz Felipe Pereira, o

meu tio e Co-orientador perfeito, à Carmem Guimarães, minha amiga e prima perfeita, Yasmin Paulino, minha irmã da vida e que me proporcionou momentos inesquecíveis. Agradeço à Líria Barros, uma das melhores pessoas que eu tive a honra de conhecer e às minhas mais novas amigas e monitoras, Gabriela Cortez, minha princesa da Disney favorita e a Wanessa Sousa, a minha outra princesa da Disney favorita. Agradeço também a Josiane Monteiro, que foi uma das minhas maiores incentivadoras e Alisson José dos Santos, que foi o meu grande amigo ao longo desses 4 anos! Tenho um pedacinho de cada um! Um espaço ou um momento vivido ficam para sempre em nossa memória e, com certeza, o ICOSA e seus profissionais estarão sempre comigo! Obrigada ao NEI, em especial Adriene Santana, ex coordenadora do Núcleo que me abraçou diariamente. Vocês serão para sempre a minha paixão mais sincera.

Por fim, agradeço aos meus amigos agricultores de Mariana, que me tornaram uma jornalista humana. À Prefeitura Municipal de Ouro Preto, em especial Filipe Lage, Nizea Coelho, Zaqueu Astoni, Fernanda França, Neno Vianna, Julia Adrielle, Felipe Machado, Wellington Silva, Túlio Dutra, Edson Gomes, Déborah Etrusco, Matheus Pacheco e a todos os meus amigos, secretariado e colegas da ASCOM! Ao Marcelo Lages, meu amigo e inspiração diária, que me ensinou a importância da fé e da paciência, à Cíntia Neves, minha xará que sempre fez questão de me motivar, seja com palavras ou com o quadro MG Móvel que despertou em mim o amor pelo Jornalismo. Vocês me ensinaram o que é o amor! Gratidão a todos os meus elos que viveram todos esses momentos comigo. As conquistas só foram possíveis por ter vocês e Deus ao meu lado! Fica aqui minha gratidão e o meu amor. E que venham mais elos!

RESUMO

O objetivo deste trabalho é demonstrar, através da minha experiência, em primeira pessoa, as dificuldades enfrentadas por nós, pessoas com deficiência (PCDs), nosso protagonismo na sociedade e como os vínculos afetivos estabelecidos ajudam a superar o preconceito. Através desta série documental, busco promover uma reflexão sobre o papel da sociedade na questão do acolhimento dessas famílias e, também, colocar em evidência o potencial e a participação das PCDs nas questões sociais e nos meios de comunicação, incentivando a inclusão e o apoio às famílias.

Palavras-chave: série documental; afetividade; capacitismo; deficiência; inclusão.

ABSTRACT

The objective of this work is to demonstrate, through my experience, the difficulties faced by us, people with disabilities, our role in society and how the affective bonds established help to overcome prejudice. Through this series, I seek to promote a reflection on the role of society in the issue of welcoming these families and, also, to highlight the potential and participation of PWDs in social issues and in the media, encouraging inclusion and support for families.

Keywords: documentary series; affectivity; ableism; disability; inclusion.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2. NARRATIVA DA DIVERSIDADE	10
2.1. Ilha Desconhecida	10
2.2. Take “Submersos”	13
2.3. Set de trabalho	17
3. A PRODUÇÃO ALMEJADA	23
3.1. A Série	23
3.2. Pesquisa de campo e pré-produção	23
4. O CAMINHO PERCORRIDO	27
4.1. A produção	27
4.2. A pós-produção	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	37
ANEXOS	40
Anexo 1 - Roteiro do episódio Afetividade	40

1 INTRODUÇÃO

Eu, enquanto cidadã e pessoa com deficiência, sempre estive envolvida com as questões do âmbito da inclusão e dos direitos das pessoas com deficiência (PCDs). Quando decidi cursar Jornalismo, já tinha a certeza que iria desenvolver um trabalho voltado para este tema, pois sabia da importância de ampliarmos a discussão. Além disso, não me sentia representada nos meios de comunicação, até mesmo quando o assunto proposto era a inclusão, já que os comunicadores, na maioria das vezes, escolhem ouvir pessoas sem deficiência para falar sobre o tema. Com isso, eu sentia o apagamento das nossas vozes diante da sociedade e a necessidade de estimularmos cada vez mais o protagonismo e a representatividade da pessoa com deficiência.

Até ter a certeza de que realizaria uma produção audiovisual, passei por alguns processos. Tendo em vista a sensibilidade e a subjetividade do tema, percebo a produção audiovisual como a melhor forma de se abordar os elos afetivos, em relação às pessoas com deficiência, suas famílias e a sociedade, pois as narrativas audiovisuais também possibilitam inclusão e geram identificação por grande parte do público. Além de trazer a linguagem oral, o audiovisual abarca também as linguagens visual e corporal, o que possibilita absorver inúmeros sentimentos envolvidos na criação narrativa.

Ao longo da minha vida, eu percebi que os vínculos afetivos são de extrema importância para superar a exclusão e o apagamento da pessoa com deficiência na sociedade. Tendo em vista que cerca de 45 milhões de pessoas no Brasil possuem algum tipo de deficiência, ainda assim, é muito raro vermos ou encontrarmos alguma PCD em cargos de liderança ou com destaque na sociedade.

Caminhando por estas reflexões, decidi apresentar estes elos através de uma série documental autobiográfica com três episódios, abordando as questões da inserção das PCDs no mercado de trabalho, na educação, no lazer, na representatividade e os desafios enfrentados por nós. Assim, esta série tem o objetivo de mostrar a complexidade da vida de uma PCD e o quanto os elos afetivos são fundamentais para oferecer apoio, que, muitas vezes, são negados por alguns familiares e pelo poder público.

Esta série evidenciará problemas sociais, financeiros e afetivos enfrentados pelas famílias denominadas “especiais”. Tendo como base a minha subjetividade e o meu entendimento enquanto pessoa com deficiência, buscarei proporcionar uma reflexão sobre a

solidão e a exclusão dessas pessoas. Acredito que é necessário oferecer suporte e inclusão efetiva, além de impulsionar a participação da família e das PCDs na sociedade.

O produto desenvolvido foi dividido em três partes. Uma delas irá abordar a questão do diagnóstico da pessoa com deficiência e os desafios enfrentados após a descoberta. Um outro episódio tem como proposta a reflexão sobre a pessoa com deficiência no contexto educacional e as oportunidades oferecidas a ela. Um terceiro episódio irá abordar as capacidades profissionais das PCDs e a sua inclusão no mercado de trabalho.

2 . NARRATIVA DA DIVERSIDADE

2.1. Ilha Desconhecida

O diálogo sobre a construção da identidade é algo complexo nos dias atuais, principalmente em relação às pessoas com deficiência (PCDs), tendo em vista a sub-representação desses corpos na sociedade. Stuart Hall afirma que a sociedade e seus conceitos agem como um recurso facilitador para a compreensão dos sujeitos e para a formação social de cada indivíduo.

[...] Mediante a relação desse sujeito com a sociedade, sua identidade interage com símbolos, valores e práticas, que formam a cultura. Deste modo, o sujeito ainda tem o seu “eu real” dentro de si, contudo este “eu” acaba sendo formado e modificado com o diálogo contínuo com os “mundos culturais exteriores” e as outras identidades que esses mundos oferecem (HALL, 2006 apud SILVA, 2019, p. 3).

Desse modo, podemos dizer que a inserção das PCDs na sociedade é fundamental para o conhecimento de si mesmas e do mundo em que vivem, porém, a construção do indivíduo não é estática. Ela acontece continuamente e é estabelecida historicamente e não biologicamente. Quem somos, ou seja, a nossa identidade, está inteiramente ligada com o mundo em que vivemos, que se modifica a todo instante (Ibidem, p. 3).

Uma das grandes responsáveis por influenciar o processo de construção de identidade é a TV, já que muitos ainda a veem como uma fonte de referência cotidiana. Desde 1950, quando ela chega ao Brasil, a televisão sempre chamou a atenção por conter não somente áudio, mas também imagens em movimento. Como destaca Dominique Wolton, a televisão é “um grande laço social” (WOLTON in SCORALICK; MORAES, 2020, p. 7), capaz de unir culturas ou de definir a “decodificação” (entendimento/percepção) sobre temas da sociedade.

Algumas linhas de estudos da comunicação apontam que ela se dá de forma linearizada, isto é, o emissor (TV) emite a mensagem (conteúdo) e o receptor (telespectador) recebe a informação que foi ofertada (Ibidem, p. 387). Sendo assim, se os meios de comunicação afirmam que “a deficiência continua a ser largamente compreendida como um fato do azar ou de má sorte pessoal e, do ponto de vista social e político, os deficientes são vistos como minoria.” (BAMBI; GUILHEM; DORNELLES, 2010, p. 2), esta visão limitadora sobre as PCDs ganha força na criação de uma imagem estereotipada na sociedade, que afeta diretamente as PCDs e a sua família. A concepção sobre a deficiência desvaloriza a cidadania e as funcionalidades das PCDs, através da própria origem da palavra “deficientia”, já que remete ao conceito de mau funcionamento, carência, falta, anormalidade e enfraquecimento. Dessa forma,

quando utilizamos esse termo “deficiência”, disseminamos ainda mais a ideia de que as pessoas que possuem algum tipo de *diversidade não* tem a capacidade de estar em sociedade e de exercer a sua cidadania, pois, de acordo com esse conceito, elas seriam limitadas.

Entretanto, a partir do surgimento da internet, influenciadores, como Ivan Baron, encontraram nas plataformas digitais o caminho para proporcionar uma reflexão sobre o acesso das PCDs nos meios sociais e midiáticos, além de ressaltar que todas elas são capazes de viver em sociedade. Anteriormente, os profissionais da área da saúde afirmavam que “[a deficiência, ao ser] identificada, [...] para saná-la, deveria fazer uma ou mais intervenções sobre o corpo para promover seu melhor funcionamento (quando possível) e reduzir assim as desvantagens sociais a serem vividas.” (FRANÇA, 2013, p. 60) É justamente esta ideologia que vem sendo confrontada por PCDs, como o influenciador Ivan Baron, que, por meio de seus vídeos, busca comprovar que a deficiência é apenas mais uma característica e não uma limitação.

Em 06 de julho de 2015 foi implantada a Lei nº 13.146, conhecida como a “Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência”, onde foi revisada a concepção sobre o termo “deficiência”, definindo que:

considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.¹

Pode-se dizer, então, que a lei, ao fazer essa definição, contribui para uma visão limitadora, que nada mais é, de acordo com a Academia Brasileira de Letras, o capacitismo², assim dizendo, a “prática que consiste em conferir a pessoas com deficiência tratamento desigual (desfavorável ou exageradamente favorável), baseando-se na crença equivocada de que elas são menos aptas às tarefas da vida comum”². Essa visão perpetua a exclusão de pessoas que são rotuladas como inferiores, mas que, na verdade, são apenas diversas. Será mesmo que essas pessoas possuem realmente algum tipo de limitação? Ou será que é a sociedade que impõe barreiras para que elas não sejam incluídas efetivamente?

O sociólogo Paul Hunt elaborou sua primeira publicação no ano de 1966. Posteriormente ela seria reconhecida como modelo social. Como característica principal, ela permite que a pessoa com deficiência seja o “autor” da própria vida e incentiva a sua participação nas questões sociais e políticas de maneira efetiva. (HUNT in FRANÇA,

¹ Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso: 05/06/22

² *Capacitismo*. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/capacitismo>. Acesso: 02/06/22

2013, p. 62). O modelo social pontua ainda as três principais barreiras que as PCDs enfrentam: “barreiras de acessibilidade, institucionais e atitudinais.” (AUGUSTIN, 2012, p.3). De acordo com o documento, superar os limites impostos seria algo benéfico para todos e “não haveria deficiência dentro de uma sociedade plenamente desenvolvida”, como argumenta Ingrid Augustin.

O modelo social tem permitido à pessoa com deficiência retomar o controle de sua própria vida e ainda ter o poder de tomar decisões nos meios sociais, participando ativa e politicamente de sua comunidade. Esta abordagem leva a compreender que o problema não está na pessoa ou na sua deficiência, mas que a deficiência assume uma dimensão social que leva à exclusão. (AUGUSTIN, 2012, p.3).

Associações e outros grupos ativistas lutam pela a implantação de políticas públicas que garantam a acessibilidade. Essas instituições, em grande parte filantrópicas, se comprometem a exercer um dever que seria do governo, oferecendo acolhimento e assistência emocional e profissional às PCDs e às suas famílias, como é o caso da ONG Vidas Raras. Fundada em 05 de julho de 2001, na cidade de Guarulhos, em São Paulo, a Vidas Raras³ é uma organização não governamental sem fins lucrativos e de alcance nacional.

O principal objetivo da equipe é orientar, acolher e cuidar integralmente das pessoas com doenças raras, desde o diagnóstico até o tratamento. Além disso, ela busca a inclusão dessas pessoas na sociedade, na escola e no mercado de trabalho. Hoje, o instituto alcança mais de três mil famílias. Ele foi uma das instituições que participaram ativamente da campanha para ampliação do teste do pezinho e, atualmente, é “a única associação que representa uma patologia que possui tratamento no Grupo de Trabalho voltado para Doenças Raras no Ministério da Saúde”.

Partindo desse pressuposto, é fundamental a implantação de políticas assistenciais por parte do Estado. De acordo com a pesquisadora Ana Carolina Alves, que trabalha em sua dissertação sobre a dificuldade de acesso e permanência de PCDs na universidade, “para que o sujeito seja reconhecido, não basta apenas ser ‘falado pelo outro’, mas também ter sua fala considerada nos processos de participação social e política, o que certamente poderia se referir também à educação” (ALVES, 2012, apud BUTLER, 2011, p. 41). Sendo assim, é fundamental que as vozes, as vontades e as necessidades das PCDs e suas famílias sejam levadas em conta durante todo o processo de inclusão, para que, dessa maneira, as barreiras sejam eliminadas, possibilitando melhor qualidade de vida.

³ Vidas Raras. Disponível em: <https://vidasraras.org.br/sitewp/#instituto>. Acesso: 03 de junho de 2022.

Instituições e movimentos sociais que lutam para que os direitos de grupos periféricos sejam assegurados têm um papel fundamental para a ampliação dos debates sobre acessibilidade e inclusão social. Entretanto, a invisibilidade da comunidade PCD em alguns temas e setores ainda é grande. Paula Ferrari, fisioterapeuta, ativista e pessoa com deficiência, afirma que a luta das mulheres sem deficiência está em um fluxo diferente das mulheres PCDs, pois enquanto às mulheres sem deficiência buscam a equiparação salarial, as PCDs visam ter acesso às vagas de emprego e eliminar a falta de acesso na sociedade.

Desse modo, um exemplo disso é a falta de conscientização da campanha Outubro Rosa, destinada a mulheres na prevenção do câncer de mama, que não leva em consideração as mulheres PCDs, já que os aparelhos que fazem este exame, não são acessíveis a todos os corpos. Sendo assim, pode-se dizer que a sociedade e os meios de comunicação ainda estão longe de ser para todos e de todos (as) e, indo contra os direitos humanos e constitucionais do Brasil.

2.2. Take “Submersos”

Atualmente, a questão da representatividade nos meios de comunicação e na sociedade está mais presente e, grupos que antes buscavam mais espaço, como as pessoas com deficiência, vem efetivando o lema “Nada de nós sem nós”⁴, implantado em 1935, por meio de uma manifestação organizada por integrantes da Liga dos Deficientes Físicos.⁵ O ato contou com a presença de 300 pessoas com deficiência física, após terem suas fichas de emprego carimbadas com a sigla DF (Deficiente físico), o que colocava a condição como algo determinante para a contratação ou não dos candidatos. Ao todo, foram nove dias de protesto, em frente ao Departamento de Albergues da Cidade de Nova York. A ação conseguiu alcançar proporções inimagináveis e, além de chamarem a atenção da sociedade americana, os membros da Liga dos Deficientes Físicos foram os responsáveis por empregar milhares de PCDs em todo país, o que demonstrou a força desse movimento social e a importância dele para a inclusão.

O principal propósito da utilização do lema é deixar claro que só haverá transformações e conquistas na sociedade quando a participação das PCDs em discussões deixar de ser

⁴ (SASSAKI, 2007, p. 8-16)

⁵ A Liga dos Deficientes Físicos, criada em maio de 1935, em Nova York, foi uma organização de direitos dos deficientes que protestava contra a discriminação trabalhista existente, onde as solicitações de candidatos com deficiência eram marcadas como “não empregáveis”, eles não tiveram acesso a empregos criados pela administração trabalhista (“Works Progress Administration”). Ela foi a primeira organização de desobediência civil de ação direta nos Estados Unidos. Link: <https://www.disabilityhistorynyc.com/explore/league-of-the-physically-handicapped>. Acesso em 01 de dezembro de 2022.

compreendida como um favor, mas sim, como um direito, pois ninguém melhor do que elas mesmas para pontuarem como pode-se construir uma sociedade que acolha e ofereça oportunidades a todos.

O pesquisador Romeu Kazumi Sassaki, destaca em seu artigo *Nada sobre nós, sem nós: Da integração à inclusão*⁶, que o percurso até a efetivação do lema foi árduo e passou por quatro fases sociais. A primeira delas é a “exclusão”, que é o apagamento total dos corpos e que ocorreu durante a antiguidade até o início do século 20. Após este período, aconteceu a “segregação”, nas décadas de 1920 a 1940, que tinha como principal característica separar as pessoas de maneira forçada, devido à deficiência delas. Já a “integração” foi algo predominante ao longo das décadas de 1950 a 1980, cujo intuito era inserir PCDs na sociedade. No entanto, eram elas que tinham que se adaptar à infraestrutura e à ausência de acesso aos espaços. E, finalmente, a “inclusão”, estabelecida na década de 90 até hoje, visando aceitar as diferenças, valorizando cada pessoa e assegurando a convivência humana dentro da sociedade.

Ao longo dos anos, a ideologia da frase (“Nada de nós sem nós”) se espalhou por outros países, ganhando mais força e possibilitando ações como a da empresa suíça, Pro Infirmis, que convidou algumas pessoas com deficiência física, para confeccionar manequins sob medida por um especialista, promovendo representatividade.

Com a confecção de diferentes modelos sob medida, foi possível fazer uma réplica bem parecida com a silhueta de cada um dos participantes. O projeto “Quem é perfeito? Chegue mais perto.”⁷ esclarece a importância da inclusão da representatividade de PCDs na moda e pontua a importância de garantir que cada cidadão possa se expressar e viver, respeitando as formas únicas de cada ser. Através da visualização do vídeo do projeto, percebemos a emoção dos participantes em terem seus corpos reconhecidos como belos e aptos para serem expostos em uma vitrine e, sobretudo, o impacto da diversidade na sociedade.

⁶(Ibidem, p. 2)

⁷“Because who is perfect?” Link: <https://www.youtube.com/watch?v=E8umFV69fNg>. Acesso em 25 de maio de 2022.



Imagem 01: Frame da campanha “Quem é perfeito? Chegue mais perto”, rompendo com a padronização dos corpos.

Fonte: Organização Pro-Infirmis

Além disso, a ação promove a quebra do modelo de normatividade e do padrão de beleza imposto pela sociedade, trazendo uma reflexão sobre como a população lida com o “diferente”. No vídeo, algumas pessoas que passavam e viam os manequins na vitrine tinham a reação de estranhamento, outras se emocionaram e os fotografaram. Podemos concluir que, apesar de serem feitas ações de conscientização e inclusão das PCDs, ainda há uma espécie de rejeição e apagamento desses corpos por parte da indústria e dos cidadãos.

A maneira como nos relacionamos com a deficiência está ligada com a narrativa realizada pelos meios de comunicação, pois há uma sub-representação das diferenças e, quando ocorre, reforça inúmeros estereótipos sobre as PCDs, “perpetuando antigos estigmas [...] que reforçam uma percepção social de fraqueza, inutilidade e dependência social”. (GOMES, MOUTINHO, 2021, apud ZHANG, HALLER, 2013, p. 310).

Na mídia, as pessoas com deficiência ainda são vistas como uma "subcategoria" da sociedade, representando todas as deficiências a partir de um mesmo grupo de pessoas, sem levar em conta suas características e necessidades particulares. Para as pesquisadoras Patrícia Neca e Paula Castro (2012), é necessário que a mídia se envolva mais nas questões sobre inclusão e capacitismo, “[...] Retratando as pessoas como ‘sujeitos’ com direitos, capazes de tomarem as suas decisões e não como ‘objetos’ de caridade, tratamento médico ou proteção social.” (NECA, CASTRO, 2012, p. 368)

Através de uma produção audiovisual autobiográfica, o diretor Daniel Gonçalves, roteirista e diretor do filme *Meu nome é Daniel* (2018), rompe com a visão de herói e vítima que a sociedade cria sobre as PCDs. Ele narra a sua história, abordando os desafios que enfrentou por ser uma pessoa com deficiência. Segundo o próprio Daniel, o objetivo do seu longa metragem era salientar o lado humano das PCDs e de suas famílias.

O cineasta enxergou em sua produção a oportunidade de frisar que a deficiência é

somente uma das suas características, e que, assim como as demais pessoas, ele tem qualidades e defeitos independentemente dela. Ele questiona também a construção sociocultural do que é ser “normal” e do que não é, ajudando as pessoas a reverem seus preconceitos. Mesmo havendo os movimentos sociais em prol da inclusão das PCDs através da reconstrução do pensamento social sobre o lugar que cada cidadão pode ocupar, ainda hoje, percebemos que não existe garantia de que os direitos sociais, políticos e civis sejam cumpridos de forma igualitária.

Devido à ausência de discussões sobre o tema na mídia, o olhar e atitudes que promovem a exclusão, o preconceito e o apagamento desses corpos se perpetuam. A ativista Lau Patrón relembrou em sua palestra, no TEDx⁸ Unisinos, um momento onde vivenciou de perto preconceito e exclusão com o seu filho, João, ao tentar explicar quais seriam as necessidades dele em sala de aula e dentro do ambiente escolar. Ela relata que:

Em uma reunião de pais para explicar a entrada do João na turma, uma mãe ignorou a minha presença, se virou para a professora e disse: "O meu filho é pequeno demais para conviver com esse problema". Esse problema era o João.⁹

Com o objetivo de evitar atitudes como a citada anteriormente, em 2006, a Organização das Nações Unidas (ONU), na Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, reconheceu a importância de oferecer acessibilidade a todos os espaços “físico, social, econômico e cultural,” além de garantir o acesso “à saúde, à educação e à informação e à comunicação” às pessoas com deficiência, para “promover, proteger e assegurar o desfrute pleno e equitativo de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais”. (ONU, 2006)¹⁰. Em 06 de Julho de 2015, entrou em vigor a Lei Nº 13.146, que buscou garantir o direito à educação inclusiva a todos e o suporte técnico e educacional às famílias e aos alunos PCDs.

Art. 27. A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurado sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem.”¹¹

⁸ TEDx é uma organização sem fins lucrativos que realiza palestras e conversas sobre temas do cotidiano. Com o intuito de atrair atenção, proporcionando reflexões para um único tópico. 25/05/2022

⁹ Palestra *A solidão das mães especiais - seja rede, seja aldeia*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9eyCmr7At04>. Acesso em: 25 de maio de 2022.

¹⁰ Link: <https://ampid.org.br/site2020/onu-pessoa-deficiencia/#deficiencia>. Acesso em: 25 de maio de 2022

¹¹ Lei Nº 13.146. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso em: 25 de maio de 2022.

Porém, 14 anos após a implementação das leis, a deficiência ainda é vista como algo ruim e que atrapalha o desenvolvimento pleno da sociedade, contribuindo para perpetuação de estereótipos, evidenciando o *disablism*:

(...) Discriminação que se concentra no tratamento diferenciado ou desigual, muitas vezes negativo, de pessoas com deficiência e na política social. Presume-se que o “nós” se refere a uma perspectiva “sã” enquanto a deficiência só é apresentada para ser melhorada, curada ou eliminada. (MUSTAFÉ, COÊLHO, 2021, p. 258)

Apropriando-se de um discurso empático, os meios de comunicação introduzem a publicidade inclusiva, que nada mais é do que dar destaque às PCDs nos conteúdos consumidos, “pautando-se por uma postura ética, respeitando os direitos humanos e buscando contribuir com a construção da cidadania” (MUSTAFÉ, COÊLHO, 2021, apud MEDEIROS, 2008, p. 157-158). No entanto, utilizam-se personalidades sem deficiência para falar sobre o tema da inclusão, ou seja, a mídia segue disseminando a ideologia de que as PCDs não estão aptas para falar sobre si mesmas, marginalizando-as de maneira sutil.

2.3. Set de trabalho

Assim como no meio educacional, a inserção das PCDs no mercado de trabalho é uma pauta antiga em órgãos como a ONU e a Organização Internacional do Trabalho (OIT). Em 1983, foi publicada a Convenção Internacional nº159, que tinha como objetivo implantar medidas que facilitassem o acesso das pessoas com deficiência às oportunidades trabalhistas. O documento retificado em mais de 70 países determinava: “[...] A formulação e implementação de políticas nacionais ativas de apoio a esse grupo social na obtenção e conservação de um emprego adequado.” (RIBEIRO, CARNEIRO, 2009, apud, FONSECA, 2006; LORENTZ, 2006, p. 2)

No decorrer dos anos, novas políticas públicas foram estabelecidas, sendo uma delas a Lei nº 8. 213, de 24 de julho de 1991, conhecida como Lei de Cotas, onde determina que “De 100 a 200 empregados, a reserva legal é de 2%; de 201 a 500, de 3%; de 501 a 1.000, de 4%. As empresas com mais de 1.001 empregados devem reservar 5% das vagas para pessoas com deficiência.”¹²

¹² Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos .Disponível em:<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/julho/inclusao-no-mercado-de-trabalho-lei-de-cotas-para-pessoas-com-deficiencia>

Segundo o último levantamento do IBGE, no Brasil, cerca de 45 milhões de pessoas possuem algum tipo de deficiência. Porém, no ano de 2018, foi proposta uma nova interpretação da linha de corte para quantificar as PCDs, feita pelo próprio Instituto, a partir dos dados obtidos em 2010. A nova interpretação, baseia-se em um quadro de perguntas já utilizado no último censo, onde é apurado o grau de dificuldade dos entrevistados para realizarem atividades cotidianas, como subir escadas, ouvir e enxergar. Sendo assim, por meio das modificações propostas pelo Grupo de Washington para estatísticas sobre pessoas com deficiência, o número da população reduziria para 12 milhões.

Essa nova vertente ainda não está em vigor, mas de acordo com ativistas, a modificação da linha de corte para quantificar PCDs pode dificultar ainda mais o acesso às políticas públicas que visam promover a inclusão social desse grupo e, assim como a grande maioria, essas pessoas têm como objetivo exercer uma profissão. No entanto, a taxa de empregabilidade ainda é desigual.¹³

As pesquisadoras Angélica Mariza Pagel Wollmann e Paula Lemos Silveira destacam que é dever da sociedade acolher e proporcionar a inclusão delas na sociedade e no mercado de trabalho, contudo, a alteração proposta pelo IBGE evidencia ainda mais a exclusão já existente no âmbito profissional.

Os PCDs fazem parte da sociedade, esta por sua vez não cumpre totalmente com seu papel de acolher, ajudar e incluir estas pessoas, no entanto percebe-se que cada vez mais os PCDs estão buscando por oportunidades de se incluírem dentro da sociedade. Elas buscam o seu espaço e são merecedoras de usufruírem de uma vida com mais igualdade, pois são capazes de conviver com outras pessoas, seja dentro ou fora do local de trabalho (WOLLMANN; SILVEIRA, 2018, p. 650).

O modelo médico de percepção sobre as PCDs afirma que a condição do indivíduo com deficiência é algo que o impede de vivenciar as experiências que a sociedade oferece a seus cidadãos de forma equitativa. No documento a deficiência é vista apenas “como um fenômeno biológico, uma consequência obtida por meio de uma doença [...]”. (FRANÇA, 2013, p. 60.) Além disso, destaca também, que é fundamental buscar a cura, mas deixa claro que talvez ela nunca seja possível.

Tal afirmação contribui para que as empresas vejam essas pessoas como mais um “problema” e não como colaboradores, já que, para haver a inserção das PCDs é necessário

completa-29- anos#:~:text=Conforme%20a%20legisla%C3%A7%C3%A3o%2C%20as%20propor%C3%A7%C3%B5es,das%20vagas%20para%20esse%20grupo. Acesso 26 de maio de 2022.

¹³ *Contratação de PcD ainda é gargalo no Brasil; confira bons exemplos.* Disponível em :<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/08/11/contratacao-de-pcds-ainda-e-gargalo-no-brasil-confira-bons-exemplos.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso: 27 de maio de 2022.

pensar e promover a acessibilidade em vários níveis, como: “arquitetônica (eliminação de barreiras físicas), comunicacional (eliminação de barreiras de comunicação interpessoal), metodológica (eliminação de barreiras nos métodos de estudo, trabalho etc.), instrumental (eliminação de barreiras nos instrumentos e ferramentas de trabalho), programática (referente a políticas públicas, normas e regulamentos) e de atitude (preconceitos, estigmas, discriminação)” (BRUNSTEIN; SERRANO, 2008, apud, SASSAKI, 2006, p. 6).

Em 2019, as contratações de PCDs não alcançaram 1% da população¹⁴ e o cenário poderia ter se tornado ainda mais preocupante caso o Projeto de Lei 6.159, proposto no mesmo ano, pelo Poder Executivo, tivesse sido aprovado, já que ele tinha como foco flexibilizar o cumprimento da Lei de Cotas nas empresas. Em vez disso, poderiam propor uma substituição através do pagamento de dois salários mínimos por cargo de PCDs não ocupados na empresa ao Programa de Habilitação e Reabilitação Física e Profissional, Prevenção e Redução de Acidentes de Trabalho, do Ministério da Economia.

Mesmo com a Constituição Brasileira afirmando que todos os cidadãos possuem direitos e deveres, as PCDs ainda não podem ocupar todos os setores e seguem marginalizadas. Os pesquisadores Vinicius Gaspar Garcia e Alexandre Gori Maia apontam que as pessoas com sequelas mais severas são constantemente retiradas do convívio social e impossibilitadas de terem uma ocupação, uma vez que as empresas tendem a seguir o padrão estabelecido e aceito pela sociedade. (2014).

É importante ressaltar que, através do trabalho (e de muitos outros fatores), as pessoas são capazes de construir uma identidade, além de expressarem seus conhecimentos e sentimentos. Algumas instituições optam por não respeitar a lei, disponibilizando vagas com especificidades rigorosas, o que, conseqüentemente, anula a inclusão desses indivíduos no local. Desse modo, como evidência Ivone Santana, fundadora do Instituto Modo Parités: “A contratação da pessoa com deficiência não deve ser vista como um ônus, e sim como uma correção de uma exclusão histórica.”¹⁵

No jornalismo, a inclusão e as oportunidades oferecidas às PCDs também está muito longe de ser a ideal. Devido aos preconceitos que acompanham a comunidade PCD, essas pessoas seguem sendo apagadas nos meios de comunicação e vendo suas lutas e conquistas expostas como algo sobrenatural. As paraolimpíadas são um exemplo dessa

¹⁴ Ibidem.

¹⁵ *Contratação de PcD ainda é gargalo no Brasil; confira bons exemplos.* Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/08/11/contratacao-de-pcds-ainda-e-gargalo-no-brasil-confira-bons-exemplos.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso: 27/05/22

mistificação sobre a capacidade das PCDs, pois, em vários momentos, podemos acompanhar falas capacitistas e a utilização da imagem dos atletas como um símbolo de superação e exemplo a ser seguido.

A pessoa com deficiência é retratada como um sujeito “sobre-humano” ou “especial” porque mantém uma vida normal, “apesar da deficiência”: “Este papel reforça a ideia de que às pessoas com deficiência são desviantes – que as realizações da pessoa são incríveis para alguém que não é completo” (GOMES; MOUTINHO apud BURNS, 2013, p. 317).

Os jornalistas Daniel Toco (TV Record) e Flávia Cintra (TV Globo) têm buscado romper com paradigmas e comprovar que a deficiência é apenas uma característica e que não impede o desempenho profissional ou os torna heróis. Daniel tem 33 anos e nasceu com uma deficiência congênita e, por isso, não possui o braço direito. Toco, como prefere ser chamado, afirma que atuar como repórter em rede nacional, possibilita que a diferença (deficiência) seja vista como algo comum e positivo. Reconhecidos por suas grandes reportagens no quadro “Cidade Alegre” e no programa “Fantástico”, Flávia e Daniel são exemplos de que as pessoas com deficiência devem e podem estar em sociedade, exercendo uma profissão e para além disso, sendo mostrados/as como capazes de debater sobre qualquer assunto.

Flávia Cintra, assim como Daniel, ampliam as perspectivas sobre a deficiência e sobre o jornalismo. Devido a um acidente de carro aos 18 anos, Cintra viu sua vida se transformar ao ser diagnosticada como tetraplégica. De acordo com a repórter, a “nova vida” não foi um empecilho para realizar os seus sonhos, dentre eles, o de se formar em jornalismo. Ela ressalta que houve um momento de reflexão e adaptação, mas, logo, decidiu que viveria todas as experiências e momentos.

Entretanto, o meio audiovisual ainda é segregador e capacitista em muitas produções. Um exemplo deste posicionamento é o filme *Amor sem Medida*¹⁶, dirigido por Ale McHaddo e lançado em 04 de novembro de 2021. Na obra, os protagonistas foram interpretados pelos atores Leandro Hassum e Juliana Paes, onde viviam um par romântico. O intuito do filme era demonstrar que para o amor não existem padrões, já que o personagem Leo possuía o nanismo e Ivana não, porém, o que era para ser algo bom e anti capacitista, se tornou um “show” de preconceito e estereótipos.

Em vez de disponibilizarem o papel para uma pessoa que realmente possui baixa estatura, a equipe optou por utilizar recursos gráficos para manipular a altura de Leandro, além

¹⁶ Filme *Amor sem medida*. Disponível em: <https://youtu.be/IOyEvFTF-8M>. Acesso 30 de maio de 2022

de recorrer a piadas com teor sexual que afetam a autoestima das pessoas para fazer humor. A obra foi alvo de uma série de críticas por atrizes e ativistas da comunidade PCD, o que causou a retirada do filme das plataformas digitais.

A atriz Juliana Caldas tem nanismo e ficou conhecida depois de interpretar uma jovem excluída pela mãe e pela sociedade na novela *O outro lado do paraíso*, dirigida por André Felipe Binder e Mauro Mendonça Filho e exibida, em 2014, pela TV Globo de Televisão. A atriz usou as redes sociais para opinar e desabafar sobre o capacitismo que segue presente na sociedade e no audiovisual fantasiado de “humor”. Na opinião de Caldas, o filme *Amor sem medida* machuca, em vez de alegrar. Ela lembrou a falta de espaço, já que, ainda hoje, assim como há anos atrás, quem tinha nanismo era imediatamente identificado como a pessoa “ideal” para atuar em companhias de circo ou o alvo de deboche.

A gente fala tanto hoje em dia da representatividade, da importância da representatividade no mundo, na diversidade, etc. Só que vou dar a minha opinião, estou aqui dando minha opinião tanto como pessoa Juliana e como artista Juliana [...] o ator não tem nanismo, que é o próprio Leandro Hassum. Eles fizeram computação gráfica, diminuíram [o Hassum] em computação gráfica, essas coisas, para mostrar que ele tem baixa estatura. E, depois disso, a maior parte do filme tem piadas totalmente capacitistas, totalmente preconceituosas e que, cara... Não dá para aceitar hoje em dia. Se fossem piadas racistas, homofóbicas, gordofóbicas, eu acredito que talvez esse assunto estaria sendo levado mais a sério [...] (QUEM, 2021)¹⁷

De acordo com o artigo 5º da carta magna do Brasil, todos os indivíduos são iguais perante a lei, sem distinção de cor, raça, gênero e classe social. Entretanto, para a mídia, algumas vezes parecem ter distinção. Fato este que ficou mais evidente durante a pandemia para a pesquisadora Cláudia Werneck, já que determinados veículos de comunicação não adotaram os recursos de tecnologia assistiva para transmitirem as informações sobre a pandemia de Covid-19 e atuaram como se as PCDs não fossem consumidores de conteúdo.

Os jornais têm atuado como se as pessoas com deficiência não existissem todos os dias. Isso porque além de não haver recursos adequados de tecnologias assistivas na programação, aquelas pessoas também não são ouvidas, nem tampouco representadas nos discursos midiáticos.¹⁸

Partindo da reflexão sobre o conceito proposto por Milton Santos a respeito dos cidadãos mutilados, pode-se dizer então, que as PCDs estão vivendo uma “retirada direta ou indireta de

¹⁷ “Juliana Caldas desabafa sobre filme que aborda nanismo de forma capacitista estrelado por Leandro Hassum”. Disponível em: <https://istoe.com.br/juliana-caldas-desabafa-sobre-filme-que-aborda-nanismo-de-forma-capacitista-estrelado-por-leandro-hassum/>. Acesso em 01/12/2022

¹⁸ *Acessibilidade, inclusão e informação jornalística durante a pandemia: onde estamos errando?* Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SeeI96fd9lw>. Acesso: 06/06/22

seus direitos civis” (SANTOS, 2013, p. 94) e tornando-se cidadãos mutilados, ou seja, são constantemente deixadas à mercê da bondade alheia. Santos destaca ainda, que para além de terem acesso às informações, os cidadãos devem se apropriar dos meios de comunicação, participando de forma efetiva nas discussões e na elaboração de conteúdos, algo que raramente ocorre atualmente.

3. A PRODUÇÃO ALMEJADA

3.1. A Série

Desde o meu nascimento, os vínculos afetivos foram essenciais para o meu desenvolvimento e para a minha inserção na sociedade. Ao diagnosticar a deficiência, o acolhimento das pessoas me possibilitou sobreviver, já que, naquela época, o assunto era pouco abordado no âmbito social e pela medicina. A falta de informações e debates contribuíram com o medo, fazendo com que os tratamentos fossem longos e dolorosos. Entre 2020 e 2022, já na universidade e residindo em Mariana, passei por momentos delicados, que me fizeram pensar em desistir da graduação. E, novamente, eu e minha mãe fomos abraçadas por amigos.

Esses fatos me fizeram refletir sobre o olhar da sociedade sobre a diversidade e afetividade e sobre quem está disposto a acolher as PCDs e suas famílias. Inicialmente, o objetivo é abordar o tema no sentido de avaliar as complexidades e outras vertentes que envolvem a inclusão e o amparo oferecido a esses corpos. Através de uma série documental autobiográfica, optei por focar em quatro eixos principais: a afetividade, o protagonismo, a inclusão e o capacitismo. O foco central é trazer a minha história para discutir a importância dos vínculos para o ser humano, possibilitando que ele vivencie as experiências no meio social de maneira equitativa, independente da sua diversidade.

3.2. Pesquisa de campo e pré-produção

Após pesquisar alguns produtos cinematográficos/audiovisuais, pude perceber que existe uma ausência do olhar das próprias PCDs e, por isso, optei por produzir o projeto voltado para o aspecto mais pessoal. Penso que, dessa maneira, irei me aproximar ainda mais dos espectadores e incentivar o nosso protagonismo na sociedade e nos meios de comunicação, entendendo que a minha trajetória pode se parecer com a história de outras PCDs e trazer mais representatividade.

No início da pré-produção surgiu um convite inesperado pelo meu orientador, Adriano Medeiros: integrar o Grupo de Pesquisa *Olhares e reflexões sobre os caminhos visuais do cinema latino americano*. A partir deste convite, eu adentrei em um projeto de Iniciação Científica, também orientado por ele, de forma paralela e dialógica ao meu TCC. No grupo de pesquisa tive a oportunidade de conhecer outros autores e

cinematografias e também de investigar a questão da afetividade e protagonismo das PCDs nas produções cinematográficas latino-americanas. Além disso, a cada encontro, foi possível dialogar com aspectos de linguagem que me ajudaram a esboçar minha própria série e a chegar neste resultado final.

A minha intenção é afirmar que eu posso ser a autora da minha própria história de vida e narrar os fatos que vivenciei de acordo com a minha perspectiva. Com intuito de oferecer uma polifonia e trazer outras visões sobre a paralisia cerebral, deficiência que possuo e sobre a minha trajetória, o trabalho tem alguns participantes que, de alguma forma, contribuíram para minha formação. Utilizei alguns objetos pessoais que fizeram, ou ainda fazem, parte da minha vida, como fotografias pessoais, a minha cadeira de rodas, músicas, entre outros. A proposta é participar da série como diretora, produtora, cinegrafista e personagem/atriz social, com o objetivo de demonstrar a minha perspectiva dos fatos narrados.

O artigo *Representação da doença no cinema documentário autobiográfico*, dos autores José Francisco Serafim e Natalia Ramos, publicado em 2014, explica que algumas das produções documentais contemporâneas priorizam a presença do realizador no filme e buscam auxiliar no autoconhecimento, na relação consigo mesmo e com o outro:

O filme documentário, permite a análise da objectividade e da subjetividade da relação do Eu e do Outro e do indivíduo consigo mesmo e com a sociedade, constituindo um meio de exploração dos fenómenos psicológicos, sociais, antropológicos e identitários e de reelaborar a própria representação individual, social e antropológica, nomeadamente nos processos de saúde e doença. (SERAFIM, RAMOS, 2014, p. 28.)

Além disso, por meio desse tipo de produção autobiográfica, questões sociais são colocadas em destaque, como foi feito nos filmes *Elena (2012)*, de Petra Costa, que problematiza a questão de um suicídio ocorrido em seu meio familiar. Outra produção tomada como referência inicial foi a de Cristiano Burlan (*Mataram Meu Irmão, 2013*), que mostra a violência nas grandes cidades do Brasil. Serafim e Ramos ressaltam que existem características que sempre estarão presentes nesse tipo de documentário.

Existem elementos comuns que unem estes produtos fílmicos autobiográficos, ainda que sejam díspares as suas temáticas e propostas estilísticas. Esses filmes são na maior parte das vezes realizados por cineastas-documentaristas que se aventuram na busca de compreensão de si mesmos, de certas questões e vivências pessoais e identitárias, bem como de comunicação e partilha de suas histórias de vida e doença dolorosas. (Ibidem, p. 32-33.)

Desta maneira, busquei produzir uma série documental autobiográfica, em suporte de vídeo, com três episódios, com duração aproximada de 10 minutos cada um, abordando os elos afetivos das famílias que têm filho(a)s com alguma deficiência. Os episódios serão não lineares, pois assim, independente da ordem em que forem assistidos, o tema central do trabalho/obra seguirá em evidência. Por meio de relatos, imagens pessoais e convidados/entrevistados que vivenciaram momentos significativos comigo, tentei incentivar o protagonismo das pessoas com deficiência e também debater sobre a importância da afetividade. Selecionei momentos da minha vida que considero terem sido fundamentais para o meu desenvolvimento pessoal e profissional, que tentei retratar através dos seguintes episódios:

1 - *Afetividade*: aborda os desafios enfrentados por mim e pela minha família pós diagnóstico, a solidão causada pela dificuldade da inclusão da PCD na sociedade. Fontes: Célia Soares (minha mãe), Cíntia Soares, Maria Helena (minha madrinha) e Valdete da Silva (minha madrinha)

2 - *Somos todos iguais*: evidencia os desafios vividos no meu processo de inclusão nas escolas que estudei, desde a minha infância até a universidade, lembrando incidentes que me marcaram e colaboraram para o meu crescimento, sejam atitudes preconceituosas ou oportunidades de inclusão e sociabilidade.

Fontes: Érik Soares (meu irmão), Raiane Eleutério (amiga da escola), Rosangela Castro (ex-professora de apoio) e Cíntia Soares;

3 - *Vivendo intensamente*: relato como ocorreu o processo da minha entrada no mercado de trabalho.

Fontes: José Benedito Donadon Leal (diretor do ICESA-UFOP), Gabriela Cortez (minha monitora), Líria Barros (minha monitora anterior), Wanessa Sousa (minha monitora), Nízea Coelho (supervisora de estágio), Filipe Lage (supervisor de estágio), Wellington Silva (jornalista e colega de trabalho) e Cíntia Soares;

Na tese *A construção discursiva de crianças e adolescentes em documentários brasileiros: Real, simbólico e imaginário*, Renata Adriana de Souza problematiza a visão dos documentários como uma representação fiel do mundo. Ela ressalta que é preciso levar em conta que existe a subjetividade, intenção, recorte e outros elementos utilizados pelo diretor/a para compor e significar o produto e os estereótipos que, muitas vezes, são

direcionados a somente uma região ou pessoa, mas acaba sendo a realidade de muitos outros.

MV Bill nos conta que o documentário surgiu, inicialmente, do videoclipe da música

“Soldado do Morro”, tal projeto foi estendido devido ao fato de o videoclipe ter sido insuficiente diante da problemática dos jovens que viviam e morriam devido ao tráfico. Ao falar das razões que o levou a abordar essa questão, o sujeito-autor enfatiza, em vários momentos, o fato de ter sido baseado “na realidade”, nos problemas que fazem parte “da realidade” das favelas. Percebemos o vínculo por ele estabelecido entre o documentário (ou o clipe) e a realidade. (SOUZA, 2009, p. 50.)

Tendo em vista que o papel principal da autobiografia é demonstrar as vivências, os desafios e as alegrias, a acessibilidade será um dos aspectos abordados, destacando a ausência dela, em muitos casos, como na falta de infraestrutura nas ruas e em estabelecimentos das cidades para o deslocamento de pessoas que têm mobilidade reduzida. A atual novela exibida pela Rede Globo, *Travessia* (2022), escrita por Glória Perez, aborda a questão da falta da acessibilidade através da personagem de Tabata Contri, que é uma pessoa com deficiência na vida real, e interpreta a advogada Juliana Silvestre.

No capítulo exibido no dia 16/11, por exemplo, após não conseguir entrar no bar do Nunes, ambientado em Vila Isabel, no Rio de Janeiro, Juliana decide afixar um cartaz com a Lei Brasileira de Inclusão, que determina a obrigatoriedade da existência de rampas para o acesso a estabelecimentos e instituições. Porém, o proprietário do bar, o Nunes, é resistente à manifestação da advogada. Além de não dar ouvidos à demanda levada por ela, ele também remove o cartaz colocado na porta de seu bar. Este tipo de atitude promove ainda mais o capacitismo e dificulta o acesso das PCDs nos espaços.

Outro desafio enfrentado é a falta de suporte e acompanhamento de profissionais da saúde e do sistema jurídico para facilitar o acesso das famílias de pessoas com deficiência às políticas públicas, garantindo a inclusão das PCDs na sociedade e todos os seus direitos, como, por exemplo, o Benefício de Prestação Continuada (BPC), o acesso à escola, o acesso ao mercado de trabalho, entre tantos outros.

Para gerar curiosidade no público e dinâmica ao longo da série, imaginei constituir uma proposta estética que priorize alternância entre os planos de imagens captadas no decorrer de cada episódio, sempre levando em conta as sutilezas dos temas abordados em cada momento. Neste sentido, há o desejo de explorar as possibilidades do ponto de vista/câmera subjetiva, convidando o público para me acompanhar transitando pela universidade, pela cidade e pelos demais espaços, onde poderão ver o mundo como eu vejo estando sentada em uma cadeira de rodas. Através da alternância entre os planos objetivos e o meu ponto de vista, o espectador poderá conhecer mais da minha história e da minha perspectiva de mundo.

4. O CAMINHO PERCORRIDO

4.1. A produção

Com o objetivo de compreender melhor como é realizada a abordagem da temática sobre a deficiência no universo audiovisual, iniciei a minha pesquisa assistindo documentários autobiográficos. Confesso que encontrar obras protagonizadas por nós, PCDs, foi algo desafiador, porém, com a ajuda de professores e amigos pude conhecer filmes como: *Meu nome é Daniel* (Daniel Gonçalves, 2018), *Uma gota de Esperança* (Emerson Penha, 2021) e *O Escafandro e a Borboleta* (Julian Schnabel, 2007).

As produções documentais *Meu nome é Daniel* e *Uma gota de Esperança* trazem depoimentos da própria pessoa com deficiência e de suas famílias, o que ressalta como é necessário nos ouvir e, sobretudo, enfatizar que temos o nosso próprio ponto de vista sobre os fatos. Se apropriando de arquivos pessoais e de imagens produzidas pelos próprios protagonistas, os diretores e roteiristas dos três filmes puderam tornar o discurso mais afetuoso e próximo da nossa realidade. Por meio de entrevistas com um aspecto mais intimista, foi possível conhecermos quem são os personagens e os seus desejos mais profundos.

O apagamento dos nossos corpos na grande mídia e no ambiente cinematográfico foi um dos inúmeros motivos que me inquietou enquanto cidadã e jornalista. Coaraci Bartman Ruiz afirma que “a produção de documentários autobiográficos surge como uma resposta de cineastas para um momento de crise e transformação dentro de sólidas instituições sociais”. (RUIZ, 2021, p. 3) A partir dessa visão, decidi me debruçar sobre a direção e roteirização de uma série, onde o maior desafio seria traduzir o intraduzível: o amor ao próximo. Ao me colocar diante desta missão, pude ser mais um dos tantos atores protagonistas que estão sendo fundamentais na construção de uma nova sociedade e um novo modelo de comunicação.

Tendo em vista que eu estava em minha cidade natal, São Domingos do Prata, interior de Minas Gerais, decidi iniciar a produção do episódio que aborda a questão escolar na instituição em que concluí o ensino médio, sendo assim, fiz os primeiros contatos e filmagens naquela região. A primeira interação foi feita através das redes sociais com o vice-diretor da Escola Estadual Marques Afonso, João Paulo Azevedo. A princípio eu estava apenas apresentando a ele a minha proposta para saber se havia probabilidade de ir ao colégio para efetuar as filmagens. O vice-diretor ficou bem animado e se mostrou muito solícito. Sendo assim, me coloquei a revisar a viabilidade também para a equipe oficial da série ir me acompanhar nas filmagens em São Domingos do Prata. Essa alternativa se mostrou inviável. Sendo assim, comecei a buscar um profissional da própria localidade que tivesse

disponibilidade para me auxiliar durante aquelas captações por meio de uma parceria. Para mim, era inviável arcar com uma contratação, mesmo que por pouco tempo. Depois de dialogar com alguns conhecidos, fui informada que na cidade vizinha havia um fotógrafo e videomaker que poderia colaborar, o Ramon de Oliveira.

Assim, realizamos uma primeira reunião para que ele pudesse conhecer a proposta e, juntos, pudessemos estabelecer a melhor forma de executarmos este trabalho. Ele se mostrou disponível para ajudar e seu apoio foi determinante para obtermos êxito em todo esse processo, pois, ao lado de Ramon eu consegui amadurecer mais as propostas para as primeiras filmagens. Assim, definimos uma data para que elas acontecessem e eu entrei novamente em contato com a escola para informá-los o dia, horário e, principalmente, saber sobre a disponibilidade das fontes.

No entanto, devido a um imprevisto envolvendo o meu companheiro de filmagem, não foi possível realizarmos as gravações no horário estabelecido, que seria na parte da manhã. Ao buscarmos alternativas, chegamos a um consenso e redefinimos o horário da tarde e, com tudo já acertado, contatei pela terceira vez a instituição relatando o ocorrido e verificando se seria possível a nossa visita na referida hora. Mais uma vez, tive uma resposta positiva, mas ressaltaram que talvez uma das pessoas que eu gostaria de conversar não pudesse comparecer. Então, eu perguntei se não poderiam combinar com ela de estar presente e, neste momento, eu tive a minha primeira frustração.



Imagem 02: Ramon de Oliveira e Cíntia trabalhando nas filmagens da entrevista com a Raiane Eleutério, amiga da escola.

Fonte: Célia Soares

De acordo com a equipe da secretaria da escola, era quase impossível ter a participação de uma das principais entrevistadas daquele episódio, contudo, disponibilizaram o telefone dela e disseram: “Você pode tentar também! Talvez consiga.” Obviamente foi o que fiz: tentei. Porém, ao ligar e enviar mensagens não tive nenhum retorno. Optei, então, em seguir com os

meus planos e compareci à escola. Chegamos no horário, entusiasmados, pois esse era o meu primeiro retorno ao local desde a conclusão do meu ensino médio, em 2017. Porém, outra vez me vi perante uma decepção. Logo na entrada não encontrei ninguém à nossa espera. Caminhamos sozinhos até a sala de aula em que estudei. Minha mãe, Célia Soares, sentiu a necessidade de ir em busca de alguém e começou a perguntar, explicar a situação. Foi então, que uma das cantineiras se disponibilizou a ir buscar alguém para nos acompanhar e encontrar as fontes e a antiga cadeira que usava durante as aulas.

Após nossa caminhada até a biblioteca da escola, à procura de um responsável, encontrei, por acaso, minha ex-professora de apoio, que não estava na lista das minhas fontes. Quando nos encontramos, houve, de fato, uma troca afetiva, onde relembramos momentos e vivenciamos um novo contato. Assim, todo o episódio foi gravado na minha antiga escola e, também, no deslocamento entre a minha casa e a escola.



Imagem 03: Visão subjetiva feita por Cíntia, filmando a entrevista de Rosângela Castro, sua ex-professora de apoio.

Fonte: Frame retirado do Episódio 2 da série *Elos*, 5'03''

Para a produção do episódio *Afetividade*, eu e minha equipe de base (Anderson Medeiros, técnico do Laboratório de Criação e Produção Audiovisual, as minhas monitoras, Gabriela Cortez e Wanessa Sousa, e minha mãe, Célia Soares) fomos a Belo Horizonte até a casa da minha madrinha, Helena, no bairro Mantiqueira, onde passei a maior parte da minha infância. Nesse episódio, o foco principal era mostrar as minhas raízes, onde eu nasci, como cresci e quais foram os elos afetivos que me ajudaram a superar os desafios.



Imagem 04: Entrevistando as madrinhas Helena e Valdete, em Belo Horizonte, com o cinegrafista Anderson Medeiros.

Fonte: Wanessa Sousa

No episódio *Vivendo intensamente*, gravamos as imagens e as entrevistas no meu local de trabalho e na Universidade Federal de Ouro Preto, onde estudo jornalismo. Com o objetivo de reafirmar a proatividade e a inserção de PCDs na sociedade, busquei evidenciar os elos da inclusão a partir da minha relação com o ambiente e com as pessoas. Entrevistei meus supervisores de estágio, um colega de trabalho, o diretor do ICSA (Instituto de Ciências Sociais Aplicadas), minhas monitoras e ex-monitora e um conhecido que me ajudou no percurso.



Imagem 05: Bastidores do set de filmagem na sala 07 do ICSA-UFOP, com Anderson Medeiros, Líria Barros e Xiquinha.

Fonte: Wanessa Sousa

Para as filmagens, decidimos utilizar duas câmeras, a filmadora Sony PXW-Z150 e uma DJI Câmera Pocket 2. A Sony foi a câmera de base. Em plano conjunto ela registrava a mim e a personagem que estivesse ao meu lado, durante as entrevistas. Normalmente, ela foi operada com a ajuda do cinegrafista Anderson Medeiros. A outra câmera foi manuseada diretamente por mim, buscando constituir uma visão subjetiva, com o intuito de demonstrar para o público como eu visualizo o mundo e as pessoas. Escolhi utilizar a DJI Pocket pois ela

me possibilitou ter mais mobilidade funcional (por ser leve e fácil de manusear), já que tenho mobilidade reduzida por causa da paralisia cerebral, além de possuir boa qualidade de imagem e de som. Por meio dos materiais captados, algumas emoções também foram destacadas de forma mais íntima, aproximando a questão da afetividade com o público.



Imagem 05: Estreando a adaptação prévia desenvolvida por Luiz Felipe Pereira. A invenção experimental possibilitou que Cintia fizesse o manuseio efetivo de uma câmera deste tipo pela primeira vez.

Fonte: Luiz Felipe Pereira

Em 2019, quando estava no segundo período do curso de jornalismo, tive meu primeiro contato com uma câmera fotográfica semiprofissional, na disciplina de Fotojornalismo. Fui a primeira aluna do curso com mobilidade reduzida. Por isso, foi necessário realizar adaptações para que eu pudesse manusear uma câmera como essa. Sendo assim, com a ajuda do jornalista Luiz Felipe Pereira, que também é ex-aluno do mesmo curso da UFOP, fizemos mecanismos para que eu operasse a câmera, através de um tripé de alumínio posicionado em meu colo e amarrado com elástico à cadeira de rodas - para que o equipamento ficasse em segurança; e barbantes no anel de zoom - para facilitar o movimento para alteração da distância focal variável.

Posteriormente, o ex-técnico do Núcleo de Tecnologia da Informação da UFOP, Ricardo Miranda, percebeu a oportunidade de aprimorar a técnica desenvolvida por mim e pelo Luiz. Assim, o Ricardo desenvolveu outro equipamento, onde a câmera é fixada por um monopé na cadeira de rodas e manuseada através de um sensor que capta os movimentos do meu corpo para fazer as alterações nas configurações da câmera. Porém, ainda não tive a oportunidade efetiva de testar esse novo equipamento.

Quando iniciei a disciplina de Telejornalismo, tive a oportunidade de trabalhar alguns conceitos da linguagem audiovisual de forma mais aprofundada e me interessei em realizar a

apresentação do Pontes, telejornal laboratorial do curso. Este processo ocorreu durante a pandemia da Covid-19, de forma remota. Assim, tivemos que constituir o cenário da apresentação na sala da minha casa. Conteí com a colaboração da minha mãe, Célia Soares, e da minha ex-monitora, Líria Barros, e fizemos, juntas, as gravações de toda a apresentação com os equipamentos que tínhamos disponíveis, contando com a orientação remota e síncrona do professor Adriano Medeiros e do técnico do Laboratório de Criação e Produção Audiovisual, Anderson Medeiros, além da dupla de editoras de texto, Thayane Santos e Gabriela Dieguez. Este contato com a linguagem audiovisual foi a primeira semente que despertou meu interesse de produzir algo na área, me levando até o embrião da série *Elos*.

Ainda na disciplina de Telejornalismo, conheci Larissa Carvalho, jornalista da TV Globo e uma das idealizadoras do documentário *Uma Gota de Esperança*, dirigido por Emerson Penha, lançado em 2021. A produção conta a trajetória da jornalista e de seu filho Théo, durante o processo do diagnóstico até a conquista da ampliação do Teste do Pezinho no SUS. A descoberta do documentário me despertou a vontade de protagonizar uma obra em que a própria pessoa com deficiência pudesse retratar os dilemas sociais em que ela vivencia. O contato com a obra de Larissa foi crucial para inspirar o esboço do que eu gostaria de retratar no meu produto.

Na tentativa de fugir do habitual, optei por não elaborar um roteiro de perguntas para as fontes do meu documentário, ou seja, no decorrer das entrevistas eu desenvolvia um diálogo único com cada um dos entrevistados, de modo a evidenciar qual o vínculo afetivo e como ele foi construído com esses personagens. Tal decisão fez com que esse trabalho se tornasse autêntico.

Assim, quando iniciamos a série, buscamos organizar uma equipe para que eu conseguisse o apoio necessário às muitas demandas de uma produção desta ordem. Optei por utilizar mais a iluminação natural por uma questão de funcionalidade e, também, para criar ou ressaltar um aspecto mais intimista e informal. Como filmamos em cidades e ambientes distintos, houve uma variação na constituição dos membros da equipe. Em São Domingos do Prata, o responsável pela captação de imagem da câmera de base e do som foi o produtor audiovisual e fotógrafo Ramón de Oliveira, que participou como voluntário da produção. Em Mariana, Ouro Preto e Belo Horizonte, quem operou a câmera de base foi Anderson Medeiros, técnico do Laboratório de Criação e Produção Audiovisual do curso de Jornalismo da UFOP.

Em alguns momentos tivemos que adaptar o roteiro, por conta da ausência de fontes, ou do surgimento de uma nova, e até mesmo por conta da sintonia criada durante a entrevista, inspirando novas perguntas que surgiram com o momento. Com isso, mesmo com o estabelecimento de um pré-roteiro aberto, eu e minha equipe, composta também pelas minhas

monitoras, Gabriela Cortez e Wanessa Sousa, e minha mãe, fizemos modificações de última hora, que não comprometeram o desenvolvimento da captação, mas sim contribuíram para o enriquecimento da narrativa.

Em todas as filmagens eu fiquei responsável pela direção, pelas entrevistas e pela captação de imagens da câmera 02, com a minha câmera DJI e o microfone lapela utilizado pela fonte. Assim, ao mesmo tempo que realizava a entrevista, eu participava, ativamente, como uma fonte, relatando a minha própria percepção sobre os temas abordados, o que trouxe o meu protagonismo à cena. Minha mãe sempre me acompanhou durante toda a minha vida, e não seria diferente no meu percurso acadêmico e nesta produção audiovisual. Em todos os lugares que estivemos, ela nos acompanhou e fortaleceu a série, atuando diretamente como uma assistente de produção.

4.2. A pós-produção

Após a captação das imagens e dos sons, iniciei a decupagem do material e a constituição de um roteiro de montagem, com o auxílio da minha mãe e das minhas monitoras. Quando finalizamos o roteiro de montagem do episódio *Somos todos iguais*, precisávamos encontrar um profissional, voluntário, que realizasse a montagem e a finalização do material. Assim, perguntei a algumas pessoas próximas a mim se poderiam me ajudar ou se conheciam alguém com esse perfil profissional. Porém, recebi muitas respostas negativas e, quase à beira de um colapso, numa tentativa quase sem esperança de encontrar um editor, abri o Instagram para me distrair e, ao ver vídeos de reels aleatórios, encontrei, de forma inesperada, um vídeo que me chamou atenção. Tratava-se do produtor audiovisual do Rio de Janeiro, Juan Vieira. Analisei o portfólio dele que estava no Instagram e resolvi entrar em contato.

Quando Juan me respondeu, a princípio, ele pensou que eu também morasse no Rio de Janeiro e, ao dizer que estava no interior de Minas Gerais, me perguntou como seria o processo de montagem. Eu disse a ele que seria via Google Meet e que eu participaria da montagem dos episódios, mas ele também teria liberdade de criação. Dessa forma, disponibilizei o material no Google Drive, junto com os roteiros que escrevi, após a decupagem de todo o material. Junto com Juan, desenvolvemos a identidade visual da série, pensando efeitos visuais, tipologia e cores de fontes, entre outros elementos. Ele também colaborou na criação de uma trilha musical original para a obra, já que ele também é músico. Assim, mesmo tendo como base algumas referências anteriores, a obra foi produzida de forma diferenciada, se destacando pela singularidade.

Um dos maiores desafios da pós-produção foi transmitir ao Juan as minhas intenções e expectativas sobre a montagem da narrativa audiovisual. Esta oportunidade de trabalho inusitada e diferenciada permitiu que nós passássemos a nos conhecer melhor e criássemos um forte laço de afetividade. Contudo, essa última etapa foi desafiadora, uma vez que ele estava no Rio de Janeiro (RJ) e eu em Mariana (MG) e, tive que passar para ele, somente de forma remota, a minha visão sobre o mundo e sobre a série para que a montagem pudesse representar, fielmente, a minha realidade.

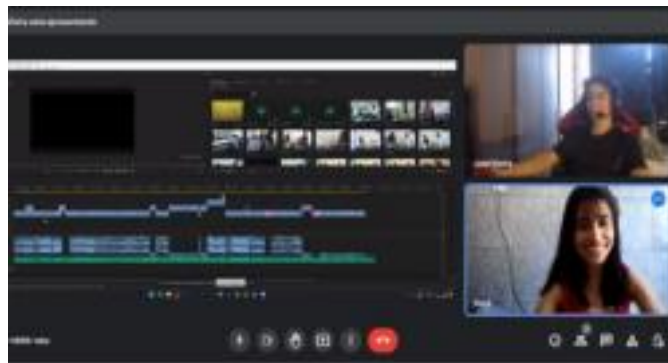


Imagem 05: Cintia fazendo reunião, via Google Meet, com Juan Vieira para a finalização da pós produção da série *Elos*.

Fonte: Print Screen, 26/10/22

A quantidade de material captado girou em torno de 190 GB, totalizando 252 arquivos, que assisti junto com a minha mãe (e assistente de produção) para realizar a decupagem. Enquanto assistíamos, ela anotava os minutos selecionados de cada vídeo para entrar no roteiro de montagem. Após a decupagem, eu e minhas monitoras desenvolvemos os roteiros de montagem, que foram disponibilizados para o montador Juan. Assim que a edição de cada episódio era realizada, eu assistia, colocava minhas observações e encaminhava para os orientadores, que também contribuíram com sugestões de alteração.

Durante todo esse processo, houve uma troca enriquecedora de conhecimentos entre eu, o montador Juan, meu orientador, Adriano e meu co-orientador Luiz. Desse modo, ao final da revisão de todos os cortes de montagem, conseguimos concretizar, com êxito, essa série documental audiovisual. O episódio *Afetividade*, tem duração de 8'40". Já episódio *somos todos iguais*, 9'53". Por sua vez, *Vivendo Intensamente* foi o episódio com maior duração, atingindo 11'08".

Esse tempo médio de duração para cada episódio foi pensado e estabelecido previamente para incentivar um engajamento maior do público, sem gerar cansaço na visualização. Como os episódios não são lineares, eles podem ser assistidos e compreendidos

sem seguirem uma única sequência pré-determinada. Assim, acredito que esse trabalho não vai apenas promover o afeto entre as pessoas, mas, também, trazer a pauta da inclusão para debate nas esferas audiovisuais, jornalísticas e na sociedade como um todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A série *Elos: Traduzindo o Intraduzível* é mais do que um Trabalho de Conclusão de Curso, pois ela tem um papel social de debater a necessidade do acolhimento, além de ser um grito de liberdade, onde eu pude deixar aflorar meus sentimentos. Durante os meus 23 anos de idade, o preconceito e a exclusão representaram cenas que estiveram presentes em minha vida e, ter a oportunidade de receber amor dos meus amigos/entrevistados, me faz acreditar que, apesar de termos dias difíceis, o sol sempre renasce. Mesmo que no passado eu tenha sido silenciada, hoje, tenho a certeza de que estou no caminho certo, pois estou tendo a chance de inspirar outras pessoas a não desistirem de serem os autores e os diretores de suas vidas.

Por meio dessa produção, eu desejo que as famílias especiais ampliem as suas aldeias e que o medo e a repressão deem lugar à esperança. Tenho ciência da influência e importância da minha presença na comunicação e desejo que outras Cíntias tenham força e resiliência para que possam ser e estar onde quiserem, sentindo seus corpos serem inseridos e aceitos pela sociedade. No processo de redemocratização de nosso país, a comunidade PCD se uniu para conquistar os seus direitos e, atualmente, podemos acompanhar, novamente, o fortalecimento dessas pessoas. É preciso estarmos juntos para que possamos construir uma sociedade onde todos sejam livres e que a deficiência seja apenas uma característica e não um limitador.

Hoje sou esta Cíntia graças às pessoas que me apoiaram e viveram junto comigo. Ressalto ainda que o meu medo de abordar o afeto e me aproximar das pessoas se transformou em coragem para criar laços afetivos e, além disso, este passo me fez conectar de forma verdadeira comigo e com aqueles que me cercam. Neste momento chego ao fim da minha graduação com a sensação de que fiz a escolha certa. Concluo, então, frisando que não há ninguém melhor do que nós mesmos para falar dos nossos sonhos, vontades e necessidades. A minha pesquisa traz luz a uma importante questão: se cada um fizer um pouco, o mundo se transforma, bem como aconteceu na UFOP. Com amor, vontade e união fomos capazes de criar novas maneiras de se fazer jornalismo. Além disso, o fim desta série documental é apenas o início de uma nova história, onde espero que os novos episódios sejam ainda mais inspiradores e semeadores de amor. Que possamos ser quem somos!

REFERÊNCIAS

AUGUSTIN, I. R. L. . *Modelos de deficiência e suas Implicações na Educação Inclusiva*. In: IX Anped Sul - Seminário de pesquisa em educação da região sul, 2012, Caxias do Sul. Anais do IX Anped Sul 2012.

BRUNSTEIN, Janette; SERRANO, Claudia Aparecida. *Vozes da diversidade: um estudo sobre as experiências de inclusão de gestores e pcds em cinco empresas paulistas*. **Cadernos Ebape.Br**, [S.L.], v. 6, n. 3, p. 01-27, set. 2008. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1679-39512008000300008>.

FRANÇA, Tiago Henrique. *Modelo Social da Deficiência: uma ferramenta sociológica para a emancipação social*. **Lutas Sociais**, São Paulo, v. 17 n.31, p.59-73, jul./dez., 2013. Disponível em: <https://www4.pucsp.br/neils/revista/vol%2031/tiago-henrique-franca.pdf> Acesso em: 27 de maio de 2022.

GARCIA, VINICIUS GASPAR ; MAIA, ALEXANDRE GORI . *Características da participação das pessoas com deficiência e/ou limitação funcional no mercado de trabalho brasileiro*, v. 31, p. 395-418, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepop/a/Zy5L6Jw5JCzPqNGKC9yfJQD/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 29 de maio de 2022.

GOMES, Selma Regina; MOUTINHO, Maria Cecília Bello. *Identidades mediatizadas: o enquadramento da deficiência e de atletas paralímpicos em narrativas globais*. Revista Culturas Midiáticas, João Pessoa, v. 15, pp. 308-326, 2021. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.2763-9398.2021v15n.60174>.

HALL, Stuart. *Da Diáspora Identidades E Mediações Culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003. 12 p. Adelaine La Guardia Resende, Ana Carolina Escosteguy, Cláudia Álvares, Francisco Rudiger, Sayonara Amaral.

MUSTAFÉ, Isabella Szabor Machado; COÊLHO, Tamires Ferreira. “*Eu Respeito*”? : reflexões sobre acessibilidade afetiva e comunicativa na publicidade do MMFDH. Revista Culturas Midiáticas, João Pessoa, v. 15, pp. 243-265, 2021. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.2763-9398.2021v15n.60532>. Acesso em: 25 maio 2022.

NECA, Patrícia; CASTRO, Paula. *Representações da deficiência na imprensa portuguesa:: hegemonia e emancipação*. Estudos em Comunicação, Lisboa, v. 12, p. 367- 386, dez. 2012. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/14192>. Acesso em: 25 maio 2022. ONU. Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, Dezembro de 2006, Brasília. Disponível em: <https://ampid.org.br/site2020/onu-pessoa-deficiencia/#deficiencia>. Acesso em: 25 maio 2022.

RIBEIRO, MA; CARNEIRO, R. *A Inclusão Indesejada: as empresas brasileiras face à lei de cotas para pessoas com deficiência no mercado de trabalho*, Setembro de 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaoes/article/view/11036>. Acesso em: 26 de maio 2022.

RUIZ, C. B. (2021). Documentário autobiográfico e feminismo: O quarteto de filmes de Miriam Weinstein. *Revista Eco-Pós*, 24(1), 120–138. <https://doi.org/10.29146/ecopos.v24i1.27603>

SANTOS, Milton. *O espaço da cidadania e outras reflexões*. 2. ed. Porto Alegre: Fundação Ulysses Guimarães, 2013. 226 p. Disponível em: <https://www.fundacaoulysses.org.br/wp-content/uploads/img-pdf/1440003461-1398280172-vol-03-milton-santos.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2022.

SASSAKI, Romeu Kazumi. *Nada sobre nós, sem nós: Da integração à inclusão – Parte 1*. Revista Nacional de Reabilitação, ano X, n. 57, jul./ago. 2007, p. 8-16.

SCORALICK, K. ; MORAES, C. M. R. . *O outro com deficiência na TV: uma análise da representatividade por apresentadores e repórteres no telejornalismo e demais gêneros televisivos*. ANALECTA , v. 6, p. 1-20, 2020.

SERAFIM, J.F. RAMOS, N. *Representação da doença no cinema documentário autobiográfico*. In A. Costa Valente & R. Capucho (Coord.), *Avança/Cinema*, 2014.

SILVA, Ana Carolina Alves. **PESSOAS COM DEFICIÊNCIA, ACESSO E PERMANÊNCIA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO**: possibilidades e desafios. 2021. 131 f. Dissertação (Doutorado) - Curso de Pedagogia, Departamento de Educação, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2021.

SILVA, Glauber Paiva da. *Noções De Identidade De Stuart Hall E O Diálogo Com O Patrimônio Cultural Imaterial*. 2019. Disponível em: https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1553116115_ARQUIVO_NOCOESDEIDENTIDADEDESTUARTHALL.pdf. Acesso em: 06 jun. 2022.

SOUZA, Renata Adriana de. **A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM DOCUMENTÁRIOS BRASILEIROS: REAL, SIMBÓLICO, IMAGINÁRIO**. 2009. 72 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2009.

WOLLMANN, Angélica Mariza Pagel, SILVEIRA, P. L. . **PESSOAS COM DEFICIÊNCIA (PCDS) NO MERCADO DE TRABALHO**. Revista da Mostra de Trabalhos de Conclusão de Curso - TCC - Congrega Urcamp 2018 , v. 2, p. 642-653, 2018.

Outras Referências

MEU Nome é Daniel. Direção de Daniel Gonçalves. Realização de Daniel Gonçalves, Debora Guimarães. Rio de Janeiro: Seufilme Produções Audiovisuais, 2018. (82 min.), son., color.

O ESCAFANDRO e a Borboleta. Direção de Julian Schnabel. Paris: Canal+, Pathé, France 3, The Kennedy/Marshall Company, 2007. (112 min.), son., color.

UMA GOTA de Esperança. Direção de Emerson Penha. Belo Horizonte: Globo Play, 2021. Son., color.

ANEXOS

Anexo 1 - Roteiro do episódio Afetividade

Episódio: Afetividades

Cena	Imagem	Áudio
1	Int. video MTS 00063 0:03 a 0:06- cintia em frente a camera	Trilha sonora
2	Vídeo: MTS 00063 1:03 a 1:36	Com som original
3	Vídeo:MTS 00063 1:49 a 1:56	Inserir o trecho que eu falo construa e cortar os minutos 1:37 a 1:48
4	Entra vinheta	Trilha sonora
5	Vídeo MTS0004 Descendo do carro 0:53 a 0:59 e 1:13 a 1:15	Com trilha
6	Vídeo MTS 00050 0:21 a 0:38	fala da cynthia sobre jogar bola com os irmãos
7	Vídeo MTS 00050 0:46 a 0:55	Cynthia apresenta a casa

8	Vídeo MTS 00050= Cena de transição – cintia passeando dentro da casa	Trilha sonora.
---	--	----------------

9	Vídeo MTS 00064 4:38 a 4:55= cintia fala que pcd precisa de afeto	Som original e trilha
10	Vídeo MTS 00013 0:43 a 1:03= Encontro com meu padrinho	som original
11	Vídeo MTS 00014 0:17 a 0:38= Encontro com madrinha	Som original
12	vídeo MTS 00050 4:19 a 4:24= minha mãe fala que me deixava com madrinha	Som original.
13	Cena de transição- vídeo MTS 00045 0:01 a 0:32= bastidores da entrevista	Som original

14	Vídeo MTS 00045 Entrevista- 0:35 a 1:19	Som original- cintia fala da sua relação com a casa da madrinha e bairro
15	Vídeo DJI 0760 Entrevista madrinha preta- Iniciar aqui 0:11 a 1:44 Madrinha fala como se tornaram às minhas madrinhas Terminar aqui 2:07 a 2: 35	som original
16	video MTS 00043 cintia e preta se encontrando- 0:01 a 0:06	trilha sonora.

17	Video MTS 00045 cintia fala que preta só foi informada que seria sua madrinha- 2:58 a 3:04	Som original
18	Vídeo MTS 00032 Célia na nossa casa- 0:53 a 0:58	sem som, somente trilha

19	<p>Take Célia= Vídeo MTS 00032</p> <p>1:00 a 1:06- Abre carta</p> <p>depois</p> <p>1:18 a 1:38- Le passagem da bíblia depois</p> <p>2:28 a 2:45- Fala da fé</p> <p>depois</p> <p>3:58 a 4:26- Fala sobre a bíblia</p>	Som Original
20	<p>Video MTS 00053</p> <p>Madrinha falando que agora é só vitória em frente ao nosso portão de casa- 0:04 a 0:08</p>	som original
21	<p>video MTS 00022</p> <p>Cintia de mãos dadas com gabi- 0:02 a 0:04</p>	Trilha sonora
22	<p>video MTS 00022</p> <p>Madrinha falando que vai trazer bolo e suco para mim no sofá- 0:36 a 0:50</p>	com som e trilha

23	<p>Video DJI 0760</p> <p>2:36 a 2:53- madrinha falando que eu já vou formar</p>	com som original
----	---	------------------

24	Video MTS 00045 cintia falando da importância das madrinhas e sua mãe- 7:13 a 7:44	som original
25	video MTS 00051 cintia fala que a sua única amizade era a sua mãe- 0:10 a 0:17 depois importância da amizade- 0:29 a 0:45	som original
26	Transição videos MTS 00049 e 00053	com trilha
27	Video MVI 5225 Celia fala do anderson e monitoras 2:19 a 2:27 depois 2:35 a 2:47- celia fala que sem amizade não somos nada	som original
28	video MTS 00033 celia encontra Ieda- 0:02 a 0:05	com trilha sonora
29	video MTS 00055 Abraço da Ilda na rua- 0:23 a 0:28	com trilha
30	video MTS 00061 retorno para Mariana- 0:03 a 0:07	com som original

Anexo 2 - Roteiro do episódio *Somos todos iguais*

Episódio: Somos Todos Iguais

Cena	Imagem	Áudio
1	<p>Int. Cintia está na escola, na cadeira adaptada – na cantina.</p> <p>Cena da comida (provocar)</p>	<p>Ruídos de portão e uma música com sonoridade de violino, algo que remeta a uma espécie de restaurante chique. O objetivo aqui é o áudio dar alguma ironia à cena.</p>
2	<p>Cíntia interagindo com espaços e pessoas.</p> <p>Se houver interação com as pessoas no local, gravamos ela e colocamos.</p> <p>Narração começa – precursora de ser a primeira Pessoa com Deficiência em uma escola regular. Irmão como monitor, colega que estava em sala, ASB (gancho - cena 3)</p>	<p>Conversas, sons ambientes, ruídos de salas.</p>
3	<p>Encontro com Ducarmo na cantina, cantina vazia, as duas se abraçam (momento nostálgico), sentam e conversam.</p> <p>Acontece a “entrevista”- uma conversa casual.</p> <p>Depois as duas se levantam para um passeio na escola – hall.</p>	<p>Conversa, Sons ambientes, trilha sonora; barulho dos pratos e talheres, meninos correndo para merendar. “Tia to com fome” etc.</p>

4	<p>Cíntia no hall principal – vamos utilizar da conversa para contar qual seu sentimento - o que o lugar representa e quais memórias ele traz.</p> <p>Conversa no Hall – (plano detalhe no rosto) menção de Raiane e introduzir a personagem</p> <p>(gancho pra cena 5)</p>	<p>trilha musical, sons do sinal, vozes e narração, além da conversa com Ducarmo.</p>
---	---	---

5	<p>Encontro com Raiane no pátio, se abraçar etc e faz caminhada até o auditório conversando casualmente.</p>	<p>Conversa, trilha musical, sons de cadeira arrastando e ambientes...</p> <p>Narração de apresentação da Raiane e de como ela foi importante, quem é ela</p>
6	<p>Cena no auditório – ao conversar com a Raiane, as duas contam a história do dia em que Cíntia dançou na apresentação da escola – e todas as barreiras que quase a impediram de fazer isso.</p>	<p>Trilha sonora (o funk da apresentação), conversa.</p>
7	<p>Flashback do vídeo da apresentação.</p>	

8	Cena de transição – a câmera filma o palco vazio e emenda com a quadra vazia (próxima cena).	Silêncio.
9	<p>Cíntia na quadra, acompanhada de Raiane e mais alguém.</p> <p>A câmera mostra Cíntia dando uma volta pela quadra, as duas contam a história do local por meio da conversa.</p>	Sons de passos, conversa, sons de músicas e bola.

10	Cíntia (ênfase no rosto – plano de detalhamento) contando a história do local	narração
11	Ênfase no tabuleiro de damas.	Silêncio.

12	Câmera mostra Cíntia jogando bola.	Som da bola e de torcida.
13	Transição de cena – a câmera vai se aproximando da bola ou a bola é jogada para o alto, a câmera foca nela se aproximando e tem uma tela preta quando ela supostamente atingiria a câmera – mudança de ambiente, sala de aula.	O som da torcida fica mais nítido e alto.
14	<p>Encontro com Professor João Paulo na sala de aula – os dois se vendo, o momento do reencontro há a narração da Cíntia de quem João Paulo é e de sua importância.</p> <p>Os dois se sentam na sala e começam o diálogo, onde relembram como era a interação dos dois – conversa casual.</p> <p>Gancho vai ser feito por uma frase que conecta a conversa dos dois com o monólogo de Cíntia.</p>	Som de giz, vozes e conversa dos meninos, sinal, porta se abrindo e a conversa.

15	Cena de Cíntia na cantina, sozinha, narrando o que a escola construiu nela e o que ela representou para outras pessoas que vieram depois, enquanto narra, há flashbacks dessas cenas que gravamos, dessas conversas, desses espaços e do rosto (plano detalhe) de cada pessoa que mostramos.	Narração da Cíntia, sons ambientes e trilha sonora baixa.
----	--	---

16	Cintia saindo da cantina, filma até a saída da escola, se despedindo, e pega o portão se fechando.	Som de portão se fechando, passos, e trilha sonora.
----	--	---

Anexo 3 - Roteiro do episódio *Vivendo intensamente*

Episódio: Vivendo Intensamente

Cena	Imagem	Áudio
1	<p>Video DJI 0780</p> <p>Minuto 5:54 a 6:08</p> <p>Usar somente imagem</p>	<p>usar somente o áudio do vídeo MTS 00064 disponível na pasta gravações episódio 01.</p> <p>Minuto para usar: 1:01 a 1:14</p>
2	<p>vídeo MTS 00064 disponível na pasta gravações episódio 01.</p> <p>minuto 3:11 a 3:38 (DEIXAR CINTIA APARECER POR +/- 7 SEGUNDOS)</p> <p>Segue imagens da Cíntia pelas ruas no vídeo DJI 0781 (USAR AUDIO DO VIDEO MTS 00064 SOBREPONDO ÀS IMAGENS ATÈ O MINUTO 2:34)</p> <p>usar minuto 2:07 a 2:34</p>	<p>usar áudio original</p>

3	vinheta	
4	Usar somente imagem da DJI 0780 Minuto 6:06 a 6:10	trilha

5	Cumprimentos de Cíntia- Vídeo DJI 0784: minuto 0:10 a 0:14	Trilha e áudio original
6	DJI 0785: Minuto 0:08 a 0:10	Som original e trilha.

7	<p>MVI 5085 disponível na pasta gravações episódio 2-> pasta 2: minuto 0:05 a 0:15</p> <p>depois usar imagem DJI 0783 disponível na pasta gravações episódio 3: 2:04 a 2:14</p>	Som original
8	<p>Video DJI 0785</p> <p>Minuto 1: 08 a 1:13</p> <p>Trocar para câmera MTS 00069</p> <p>Minuto 0:35 a 0:40 e 0:51 a 0:56.</p>	Som original vídeo e trilha
9	<p>Vídeo MTS 00070</p> <p>Minuto 1:05 a 1:11 e depois iniciar a partir do minuto 1:23 a 1:30</p>	som original

10	<p>Vídeo DJI 0787 (Entrevistado José Benedito Donadon Leal- Diretor do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas)</p> <p>Minuto 1:13 a 1:47 e depois segue a partir do minuto 2:20 a 2:29</p>	som do vídeo
----	---	--------------

11	<p> corte imagens da Cíntia conversando com equipe e amigos do ICSA e circulando pelo icsa</p> <p>Usar vídeo MTS 00101- minuto 0:05 a 0:09</p>	Trilha sonora e som original
12	<p>Vídeo MVI 5089- disponível na pasta gravações episódio 2=> pasta 2</p> <p>Minuto 0:08 a 0:10</p>	Trilha sonora e som original
13	<p>Vídeo MVI 5091- disponível na pasta gravações episódio 2=> pasta 2</p> <p>Minuto 0:01 a 0:05</p> <p>Depois segue vídeo MVI 5091</p> <p>Minuto 2:44 a 2:47</p>	Trilha sonora
14	<p>Video DJI 0787</p> <p>Minuto 3:57 a 4:16</p>	Som original

15	DJI 0788 Minuto 6:27 a 6:37	Som original
16	Video MTS 00070 minuto 10:07 a 10:14 trocar pela câmera DJI 0788 Minuto 0:43 a 0:58 (DEIXAR O ENTREVISTADO APARECER POR ALGUNS SEGUNDOS E DEPOIS ENTRA OS TAKES CITADOS ABAIXO) ATENÇÃO Cobrir essa fala com takes meus no jornal pontes e em coberturas na prefeitura (SOMENTE IMAGENS)	Som original
17	DJI 0788 Minuto 1:00 a 1:49	Som original
18	DJI 0788 minuto 4:54 a 4:57	Som original e trilha

19	<p>MTS 00071</p> <p>Minuto 9:38 a 9:44</p> <p>Depois</p> <p>MTS 00071</p> <p>minuto 12:08 a 12:12</p>	som original
20	<p>Primeiro usar o take do vídeo MVI 5355 no minuto 08:00 a 08:12 (A PERGUNTA VAI APARECER SOMENTE NA CENA 20 DEPOIS SERÁ SEQUENCIA DE TAKES DAS MONITORAS)</p> <p>Video MVI 5353 (Entrevistada Líria Barros- ex monitora)</p> <p>minuto 0:07 a 0:34</p>	som original
21	<p>video MTS 00084</p> <p>minuto 3:14 a 3:18</p> <p>(câmera lenta)</p>	trilha
22	<p>video MTS 00079</p> <p>minuto 0:16 a 0:20</p>	trilha

23	video MTS 00087 minuto 0:10 a 0:14	trilha
----	---------------------------------------	--------

24	video MVI 5355 Entrevistada Gabriela Cortez- monitora minuto 08:22 a 08:44	som original
25	video MTS 00087 minuto 0:55 a 0:57 depois encerrar com o vídeo MVI 5355 minuto 13:40 a 13:42 (DEIXAR SOM DO BEIJO)	som original e trilha suave
26	video DJI 838 Entrevistada Wanessa Sousa- monitora minuto 0:03 a 0:30	som original

27	Entrar videos da prefeitura	trilha
28	MTS 00000 minuto 0:10 a 0:15	trilha

29	MTS 00002 minuto 0:12 a 0:15	trilha
30	MTS 00004 minuto 0:02 a 0:14	trilha

31	<p>Vídeo MTS 00077</p> <p>Minuto 0:12 a 0:16</p> <p>depois Vídeo MTS 00085</p> <p>Minuto 0:10 a 0:13</p>	<p>trilha (VER COMO FICA SE ACELERAR TAKES)</p>
32	<p>DJI 0841</p> <p>minuto 0:10 a 0:15</p>	<p>som original</p>
33	<p>DJI 0841 Nízea Coelho</p> <p>supervisora de estágio</p> <p>minuto 1:58 a 2:02</p> <p>depois corta para</p> <p>minuto 5:29 a 5:47</p>	<p>som original</p>

34	<p>Entrar fotos</p> <p>crédito Ane Souz</p>	<p>trilha</p>
----	---	---------------

35	DJI 0842 minuto 8:14 a 8:24	Audio original e depois trilha suave
36	MTS 00007 minuto 6:49 a 6:52 Depois troca MTS 00010 minuto 0:05 a 0:09	Trilha e audio video DJI 0846 Filipe Lage - supervisor de estágio minuto 2:52 a 3:21
37	MTS 00016 minuto 0:40 a 0:46	(USAR AUDIO DA DJI 0846 COBRINDO IMAGEM DO VIDEO MTS 00016 NO MINUTO 4:45 a 4:51)
38	MTS 00018 minuto 00:00 a 0:06 (VER SE EFEITO CAMERA LENTA FICA BOM)	Trilha sonora e som original no momento em que wellington diz olha o passarinho

39	MTS 00020 minuto 0:42 a 0:47	som original
40	vídeo Entrevista Wellington minuto 0:06 a 0:09	som original
41	vídeo Entrevista Wellington (Wellington Silva- amigo e colega de trabalho) minuto 4:51 a 5:04	som original
42	MTS 00076 minuto 1:44 a 1:47	trilha
43	MVI 5351 André- amigo minuto 4:07 a 4:09	trilha baixinha e audio original

44	MTS 00004 minuto 0:02 a 0:09	trilha baixinha e audio original do video 5351
45	MTS 00015 minuto 11:30 a 11:34	trilha baixinha e audio original do video 5351 EVIDENCIAR SOM DO BEIJO
46	MTS 00019 minuto 0:00 a 0:06	trilha e som original
47	MTS 00023 minuto 0:38 a 0:41	trilha(EVIDENCIAR SOM DO BEIJO)

48	entrar créditos	com trilha sonora de fundo
----	-----------------	----------------------------